

ÍNDICE DE FREQUÊNCIA E OCORRÊNCIA DE SUBSTANTIVOS EM IMPRESSO DO SÉCULO XVI: FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS

Rejane Centurion¹

Resumo: Empreendemos um estudo do léxico, tomando os capítulos referentes aos nativos, na *Historia da prouincia Sãcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil*, de Pero de Magalhães de Gândavo, publicada em 1576. Utilizando o programa de estatística textual “Léxico 3”, levantamos as palavras no *corpus* e elaboramos um Índice de Frequência e Ocorrência dos substantivos presentes, o qual mostrou a contribuição que dados quantitativos pode oferecer junto à compreensão de fatos da língua, levando-nos a apresentar algumas considerações sobre seu conteúdo. Entre elas, mostramos que os itens com frequência altíssima e alta representam a imagem que o enunciador faz do seu objeto, mobilizando o conceito de formações imaginárias, e estabelecendo, assim, a partir dessa etapa da pesquisa, uma relação entre os estudos filológicos e os discursivos.

Palavras-chave: índice – substantivos – século XVI – Gândavo – formações imaginárias

Abstract: We undertook a study of the lexicon, taking the chapters about the natives, in the *Historia da prouincia Sãcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil*, by Pero de Magalhães de Gândavo, published in 1576. Using the program textual statistics "Lexicon 3", we raised the words in the *corpus* and we prepare an Index of Frequency and Timing of substantives, which showed the contribution that quantitative informations can offer to the understanding of linguistic facts, leading us to present some considerations about its content. Among them, we show that items with highest and high frequency represent the image that the enunciator makes of its object, using the concept of imaginary formations, and thereby setting from this stage of the study, a relationship between philological studies and discursive.

Keywords: index – nouns – XVI century – Gândavo – imaginary formations

Palavras iniciais

A *Historia da prouincia Sãcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil*, de Pero de Magalhães de Gândavo, publicada em 1576, é considerada a primeira história em Língua Portuguesa sobre o Brasil. Nela, Gândavo trata de diversos tópicos, divididos em capítulos, em torno dos quais, ao mesmo em que conta a história da província, descreve-a. Selecionamos os capítulos dedicados aos nativos e elaboramos um Índice de frequência e ocorrência dos substantivos neles empregados com o propósito de dar a conhecer e refletir teoricamente sobre o léxico empregado no recorte.

¹ Professora de Língua Portuguesa na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), doutoranda em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Inicialmente, comentamos os critérios considerados à composição do Índice, a importância deste e sua estrutura; depois, tecemos considerações acerca da frequência e ocorrência dos itens lexicais inventariados.

1. Índice: critérios, importância, estrutura

A apresentação de itens lexicais no formato de Índice vem ao encontro de um dos objetivos de nossa pesquisa, a saber, a descrição do léxico. Dessa forma, acreditamos que venha a ser, para o consulente, uma forma prática e fácil de conhecer o vocabulário empregado por Gândavo, permitindo uma rápida localização das ocorrências no *corpus*. Como este se refere ao século XVI, decidimos apresentar os itens lexicais, assim como suas variantes e flexões, de acordo com sua grafia, acentuação e emprego de maiúscula e minúscula originais, com o intuito de dar a conhecer as mudanças e/ou permanências ocorridas com os itens empregados. Tal metodologia de apresentação contribui para os estudos do léxico, já que os dados podem ser tomados como base para tratamentos analíticos a partir de diferentes teorias, além de oferecer informações precisas quanto à frequência e localização dos itens lexicais.

Para o levantamento inicial dos itens, utilizamos um programa computacional denominado *Lexico 3*, o qual é composto por ferramentas de estatística textual com função de gerar arquivos com a estatística das formas² empregadas nos textos submetidos. Desenvolvido pela Universidade de Sorbonne Nouvelle – Paris 3, em 2001, está ligado ao sistema *Lexico*, cuja primeira versão se deu em 1990.

Seus funções foram melhoradas e a originalidade desse sistema reside na possibilidade que o usuário tem de armazenar os resultados de sua análise lexicométrica desde a segmentação até a edição dos resultados finais. A facilidade de visualizar os dados e de criar diferentes composições, desde a mais simples análise estatística até os cruzamentos de dados fatoriais permite ao pesquisador, cujo objeto é o texto, avançar sobre hipóteses quantificando e qualificando seus dados (LAMALLE *et alli.*, 2001, p. 2).

Para a submissão de textos ao programa, eles devem ser preparados em formato que atenda às exigências operacionais. Atendidas as exigências, o programa gera, em poucos segundos, o arquivo com a estatística das formas utilizadas no texto. No caso específico de nossa pesquisa, para reconhecimento do texto pelo programa, foi necessário fazermos algumas alterações junto à edição semidiplomática realizada em etapa anterior, a saber:

² O termo “forma” é empregado sempre que a referência às palavras se dá a partir do programa em questão.

junção de sílabas em palavras cuja separação se deu em função de mudança de linha; retirada de barras indicadoras de mudança de linha e fôlio; atualização em alguns tipos de acentuação; entre outras. Tais alterações são necessárias em função da necessidade de termos à disposição a totalidade de formas vocabulares empregadas pelo enunciador. A forma “corpo”, por exemplo, numa de suas ocorrências, aparece como “cor = po”; sem a devida alteração, o programa reconheceria como duas formas (“cor” e “po”), o que não atenderia às exigências da pesquisa.

A partir da submissão do texto ao referido programa, chegamos a um total de 1.824 formas, cada uma delas contendo a indicação do número de frequência no texto. Tais formas compreendem todas as ocorrências delimitadas por dois espaços brancos, podendo ser palavras, números e sinais de pontuação. O passo seguinte vem a ser o de classificar (manualmente) todas as palavras da lista de acordo com o uso no documento. Nos casos de dúvida em relação à função da palavra, recorremos a uma das ferramentas do programa, a qual nos permite a localização da referida forma, de uma só vez, em todos os enunciados nas quais ela se faz presente. Para a classificação, consideramos, portanto, os critérios morfológico, sintático e semântico. Definimos como classe de palavra para cotejo a dos substantivos, separando-a da totalidade das formas, e por esse motivo, nos casos cujas formas desempenham mais de uma função, consideramos apenas as formas com função de substantivo de forma a atender ao recorte estabelecido.

Selecionamos a classe dos substantivos devido à proposta de tentarmos compreender o processo de nomeação empreendido pelo colonizador perante o colonizado, classe esta que se caracteriza como “basicamente designadora” (CASTILHO, 2012, p. 453) e “categorizada de modo especial dentro do léxico de uma língua” (BIDERMAN, 1978, p. 200).

Substantivo significa literalmente “o que está debaixo, na base”, e é a tradução latina do grego *hypokéimenon*. Com este termo, os gramáticos gregos aparentemente desejavam dizer que os substantivos são o fundamento do texto, pois não se pode construir um texto sem utilizar essa classe (CASTILHO, 2012, p. 455).

Na primeira gramática grega, Dionísio da Trácia (TRACIO, 2003, p. 236, tradução nossa) trata dos substantivos (assim como também dos adjetivos) na classe dos nomes, definindo-os como “a parte declinável da oração que indica matéria (*pedra*), ou ação (*educação*), e que pode ser comum (*homem, cavalo*) e própria (*Sócrates*)”,³ sendo cinco os

³ [...] la parte declinable de la oración que indica materia, v.g.: *pedra*, o acción, v.g.: *educación*, y que puede ser común, v.g.: *hombre, caballo* y propia, v.g.: *Sócrates* (TRACIO, 2003, p. 236).

acidentes gramaticais os quais podem acompanhá-lo: gêneros, classes, formas, números e casos, classificação esta que atende a critérios morfológicos. Apolônio Discolo (1987, p. 81, tradução nossa), por sua vez, ao tratar desta parte da oração sob um critério sintático, aponta que uma oração perfeita “muito justamente coloca em primeiro lugar o nome, depois o verbo, pois sem eles nenhuma oração se dá por completa”.⁴ Para ele, ao se suprimir o nome de uma oração, esta estará incompleta, corroborando sua importância junto aos fundamentos de um texto.

Entre as formas inventariadas com função de substantivo, desconsideramos “Capit”, “Capitu” e “Capitulo”, referentes à atual forma ortográfica “capítulo”, já que pertencem ao vocabulário utilizado para nomear a organização das partes da obra; e também os substantivos próprios, pois, “sendo lexemas historicamente individualizados, não entram como tais em oposições lexemáticas”⁵ (COSERIU, 1977, p. 89, tradução nossa), chegando-se, portanto, a quatrocentos e nove (409) substantivos, número este que passa para quinhentos e trinta e um (531) considerando as variantes e flexões de cada lema.

As unidades homônimas e polissêmicas foram dispostas na mesma entrada, como:

- a) “meyo” (e pelo **meyo** da casa fica hũ caminho aberto por onde todos se seruẽ como dormitorio) e “meyos” (nem sera possiuel (segũdo sam vingatiuos e odiosos) vedarensẽ entre elles estas discordias por outra nenhũa via, se nã for por **meynos** da doctrina Christaã);
- b) “passo” (E se o padecente he homem animoso, e nã está desmayado naquelle **passo**) e “passos” (e assi a vã chegando cada noite dez doze **passos**);
- c) “costa” (Tambẽ se sustentam do muito marisco e peixes *que* vam pescar pela **costa** em jãgadas) e “costas” (E *quando* algũ morre, costumão enterralo em hũa coua assentado sobre os pés cõ sua rede ás **costas** *que* em vida lhe seruia de cama);
- d) “pena” (nem tẽ pera sy *que* ha depois da morte gloria pera os bõs, e **pena** pera os maos) e “pẽna” (O qual se empẽna primeiro por todo o corpo com **pẽnas** de papagayos e de outras aues de varias cores).

A forma de apresentação é baseada no índice de Megale e Toledo Neto (2005) e recebe a seguinte estrutura: os lemas são apresentados em ordem alfabética, negritados, de acordo com a ortografia contemporânea, em letra minúscula, e com sua frequência total entre parênteses, seguidos de suas variantes e flexões com a frequência parcial destas entre

⁴ [...] muy justamente coloca en primer lugar el nombre, después el verbo, puesto que sin ellos ninguna oración queda cerrada (DÍSCOLO, 1987, p. 81).

⁵ [...] siendo lexemas históricamente individualizados, no entran como tales em oposiciones lexemáticas (COSERIU, 1977, p. 89).

parênteses e sua localização (linha) na edição semidiplomática dos fôlios. Os lemas cuja ortografia atual não apareça no texto, estão entre colchetes.

Seguem alguns exemplos:

[**admiração**] (1) admiraçam (1) 232

[**aldeia**] 21 aldea (19) 41, 59, 173, 173, 176, 187, 197, 198, 206, 209, 224, 225, 234, 266, 270, 277, 286, 319, 344; aldeas (2) 68, 170

assalto (4) assalto (1) 198; assaltos (1) 170; saltos (2) 155, 369

homem (12) homẽ (2) 96, 299; homens (6) 23, 98, 116, 163, 258, 306; homes (1) 100; homem (2) 4, 302

[**índio**] (20) India (1) 316; Indias (3) 95, 102, 121; Indio (2) 248, 293; Indios (14) 11, 59, 134, 142, 160, 235, 257, 288, 350, 357, 372, 382, 383, 398

tempo (14) tempo (7) 170, 204, 218, 247, 283, 315, 368; tempos (1) 308; tẽpo (5) 186, 189, 260, 280, 374; tẽpos (1) 168

2. Considerações acerca da frequência dos itens lexicais considerados

A proposta desta seção é a de discutir os dados quantitativos levantados junto ao Índice, os quais adiantam algumas considerações ao se correlacionar a frequência/ocorrência de itens lexicais e a temática do *corpus*. Lidar com tais dados junto ao estudo de textos é uma prática antiga, conforme aponta Conde (2011, p. 2):

Não é da segunda metade do século XX que técnicas quantitativas foram empregadas por pesquisadores para se fazer levantamentos sobre textos. Segundo Guiraud (1960: 5) os estudiosos alexandrinos já haviam feito o levantamento das *hapax legomena* dos textos homéricos e os massoretas já haviam feito levantamentos sobre a quantidade de palavras dos textos bíblicos hebraicos.

Acreditamos, pois, que partir de dados quantitativos possa auxiliar-nos junto à compreensão de fatos da língua, ademais, por se caracterizar esta como uma investigação do léxico, entendemos haver pertinência em mostrar a frequência de cada item lexical mobilizado no texto de forma a procurar compreender as escolhas do enunciador de acordo com a temática.

Expomos, a seguir, um gráfico, a partir do qual é possível visualizar a proporção de substantivos relacionada à ocorrência no texto, tendo nos extremos, com apenas uma ocorrência, um total de duzentas e vinte e nove palavras, e com trinta e quatro ocorrências, apenas duas palavras, comprovando-se, pois, uma variedade lexical no texto, já que os

substantivos com maior ocorrência estão entre os que não se repetem ou que se repetem muito pouco:

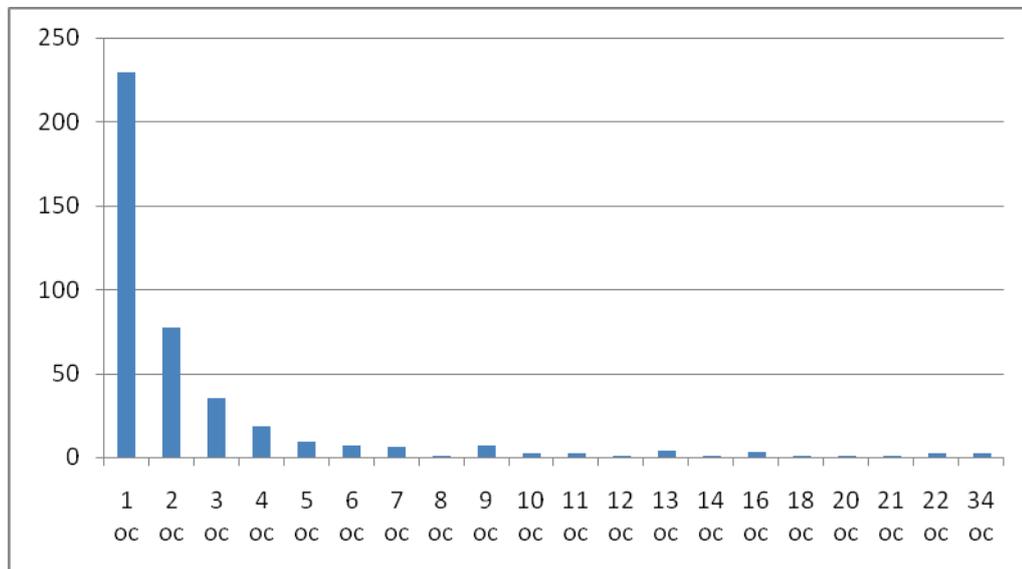


Gráfico 1 – Proporção de substantivos por ocorrência(s) no texto

Ainda para a análise da frequência dos substantivos, recorreremos aos padrões estabelecidos por Borba (2003, p. 124), a saber: “muito baixa (1 oc), baixa (de 2 a 6 oc), média (de 7 a 150 oc), alta (de 150 a 1.500 oc), altíssima (mais de 1.500)”. Adaptando-se tais padrões ao número de ocorrências consideradas nesta pesquisa, tomamos como referência os seguintes parâmetros: a) uma ocorrência, frequência muito baixa; b) de duas a cinco ocorrências, frequência baixa; c) de seis a treze ocorrências, frequência média; d) de quatorze a vinte ocorrências, frequência alta; e) de vinte e uma a trinta e quatro ocorrências, frequência altíssima. Assim, dos quatrocentos e nove (409) substantivos, 56% caracterizaram-se como *hapax*, com frequência muito baixa; 34% apresentaram frequência baixa; 7%, frequência média; e apenas 1% foi o valor para cada um dos parâmetros alta e altíssima, representados no gráfico abaixo:

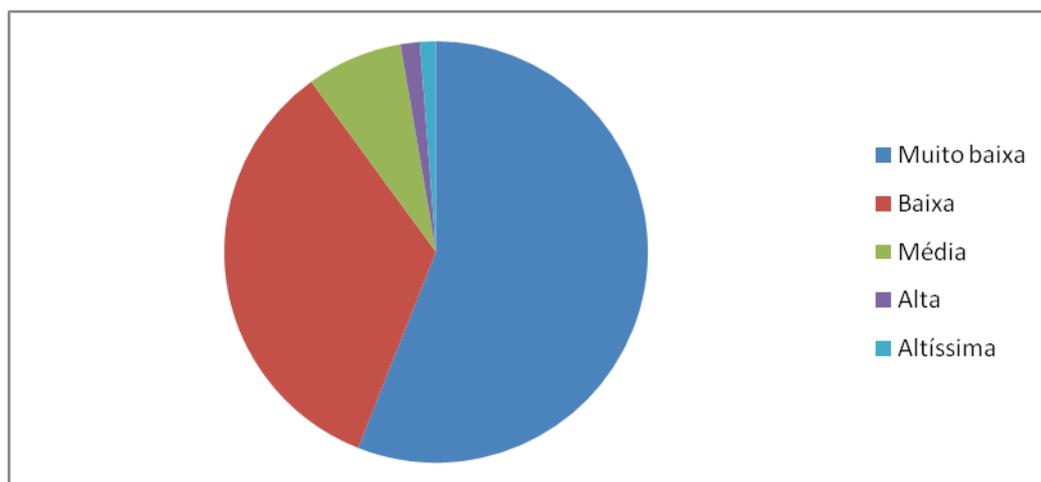


Gráfico 2 – Frequência dos substantivos

Os dados apresentados corroboram a hipótese inicial de que a análise textual disponibilizaria uma grande diversidade lexical passível de descrição em muitos campos léxicos. Os substantivos que mais se repetem representam apenas 1% do total empregado; já a porcentagem maior (56%) representa os substantivos que aparecem apenas uma vez, ou seja, a diversidade lexical do autor foi determinante para escrever sobre o nativo. Entendemos que pelo fato de se tratar de um referente novo para o português, houve o propósito de tentar escrever sobre o máximo que se pudesse para dar a conhecer tal referente.

Acreditamos que esta proporção – reveladora de variedade lexical para tratamento do assunto – seja, em parte, determinada pelo gênero do discurso. Como o enunciador propõe uma “História”, é esperado para o gênero que se faça uso de tal diversidade em função da quantidade de tópicos mobilizados, já que se está contando uma história sobre um lugar “novo” para leitores desconhecedores do referente, justificando-se, portanto, o tratamento lexical detalhado.

Entre os onze substantivos com frequência altíssima e alta, estão aqueles cuja recorrência se dá em virtude da necessidade de se repetir em função do conteúdo tratado, sendo mais recorrentes por indicarem o foco lexical. O “vai e vem” do texto recorre a tais itens por serem indispensáveis à desenvoltura da narrativa, os quais são dispostos, na próxima tabela, em ordem decrescente de frequência:

Substantivos	Nº de ocorrências
maneira	34
parte	34
coisa	22

terra	22
aldeia	21
índio	20
vez	18
inimigo	16
mão	16
morte	16
tempo	14

Tabela 1 – Substantivos com frequências altíssima e alta

Podemos afirmar que os itens cuja frequência seja maior indicam a preocupação de Gândavo em se fazer recorrente devido à necessidade da relação de tais itens ao movimento de ir e vir do texto. Já as de menor frequência, as quais representam o maior número, indicam a mobilização de diversos campos lexicais para se escrever sobre o nativo, o qual, por ser um referente novo tanto para o enunciador quanto para seus leitores, exigiu daquele um tratamento pormenorizado e variado lexicalmente. Em termos quantitativos, os substantivos com frequência altíssima e alta representam, pois, a imagem que o enunciador faz do seu objeto.

Sustentamos, teoricamente, a análise da frequência destes substantivos em Pêcheux (1997, p. 82), a partir do conceito de formações imaginárias, as quais

designam o lugar que A e B [interlocutores] se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as *situações* (objetivamente definíveis) e as *posições* (representações dessas situações).

Tal conceito nos indica que o enunciador, ao empregar os itens em questão com maior recorrência, aponta a imagem que faz do objeto descrito/narrado considerando tanto seu lugar de enunciador quanto o de seu destinatário.

Tomando Pêcheux (1997, p. 83-4) como referência, elaboramos um quadro com as formações imaginárias, a partir do qual esboçamos “a maneira pela qual a posição dos protagonistas do discurso⁶ intervém a título de condições de produção do discurso”. Utilizamos como nomenclatura: I, para imagem; A, para enunciador (Gândavo); B, para destinatário (leitores portugueses comuns; Censura Inquisitorial; membros da Coroa; entre outros); e R, para referente (província de Santa Cruz; nativo das terras brasileiras).

⁶ “[...] efeito de sentidos entre os pontos A e B [enunciador e destinatário]” (PÊCHEUX, 1997, p. 82).

Expressão que designa as formações imaginárias	Significado da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente
I _A (A)	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	“Quem sou eu para lhe falar assim?”
I _A (B)	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	“Quem é ele para que eu lhe fale assim?”
I _B (B)	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	“Quem sou eu para que ele me fale assim?”
I _B (A)	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B	“Quem é ele para que me fale assim?”
I _A (R)	“Ponto de vista” de A sobre R	“De que lhe falo assim?”
I _B (R)	“Ponto de vista” de B sobre R	“De que ele fala assim?”

Tabela 2 – Formações imaginárias

Diante das formações imaginárias apontadas, tomando, primeiramente, o *corpus* como um todo, elencamos nosso entendimento para cada uma delas:

- a) em I_A (A), temos a formação da imagem do enunciador por ele mesmo, sendo a de um escrevente que fala em nome da Coroa, possuidor de informações pertencentes a poucos e que após “mais de setenta e tantos anos” de descoberta da província, põe em execução a tarefa de contar sua história, desejoso em vê-la autorizada pela Censura Inquisitorial;
- b) em I_A (B), temos a formação da imagem do destinatário pelo enunciador. Tratando-se do leitor comum, a imagem formada é a daquele que desconhece o referente e que precisa ser persuadido a se aventurar à nova terra. Tratando-se da Censura Inquisitorial, a imagem formada é a de uma instituição rígida que precisa ser persuadida quanto ao conteúdo a ser publicado. Tratando-se dos membros da Coroa, a imagem é a de uma instituição que anseia serem preservadas informações específicas da província descoberta;
- c) em I_B (B), temos a formação da imagem que o destinatário faz de si mesmo, o qual se questiona do lugar que ocupa em relação ao que o enunciador lhe dirige. A imagem formada vem a ser a do leitor comum, Censura Inquisitorial, membros da Coroa, entre outros, a qual determina as escolhas lexicais do enunciador;
- d) I_B (A), temos a formação da imagem do enunciador pelo destinatário, sendo a daquele que conhece informações pertencentes a poucos, que busca autorização para publicação de sua obra, e que pretende divulgar informações sobre a nova província;

- e) I_A (R), temos a formação da imagem do referente pelo enunciador, sendo a de uma nova província desconhecida por grande parte de seus destinatários;
- f) I_B (R), temos a formação da imagem do referente pelo destinatário. Tratando-se do leitor comum, vem a ser de uma terra desconhecida. Tratando-se da Censura Inquisitorial, vem a ser a de uma nova província habitada por povos pagãos. Tratando-se dos membros da Coroa, vem a ser a de uma província com grande potencial de exploração.

Tomando os capítulos sobre os nativos, e especificamente, as escolhas lexicais do enunciador para tratar do objeto, vemos que as formações imaginárias se mostram determinantes como condições de produção do discurso pelo enunciador. Ao tratar dos nativos, ao mesmo tempo em que precisa descrevê-los como o são, precisa ser de forma que não afaste/assuste os possíveis aventureiros à nova terra; também precisa ser de forma que a Censura aprove a publicação; e ainda de forma que preserve determinadas informações relacionadas à exploração, atendendo à Coroa.

Acreditamos, dessa forma, que os onze itens com frequência altíssima e alta (os quais representam o foco lexical do texto) “projetem” (Pêcheux, 1997, p. 82) as imagens formadas. O item **maneira** é empregado quantas são as vezes em que o enunciador necessita escrever sobre as formas, circunstâncias, condições pelas quais os nativos se utilizam e nas quais os nativos se encontram, revelando a preocupação em descrever o modo, o jeito, a forma daquilo que se refere ao nativo, o que vai ao encontro do emprego do item **vez**, que é mobilizado sempre que o enunciador pretende enumerar as vezes em que determinadas situações se realizam. **Parte**, por sua vez, é mobilizada tanto para escrever sobre a porção de um todo, como partes do corpo do nativo, como para se referir à área ou região, sendo comum a referência à nova terra como uma parte. O item lexical **coisa** é utilizado para nomear genericamente, e pode ter sido muito utilizado justamente pelo fato de o referente ser novo e por isso, algumas vezes, pelo fato de não se saber como proceder junto à nomeação, utilizar-se de um nome genérico. **Terra**, **aldeia** e **índio** pertencem ao vocabulário específico do texto. O enunciador aborda uma nova terra, cujos habitantes são nomeados como índios, os quais se organizam em agrupamentos denominados aldeias. Assim, a construção do texto não fluiria sem que se fizesse referência recorrente a estes substantivos. A ênfase ao emprego dos itens lexicais **inimigo** e **morte** se justifica pelo fato de o enunciador descrever os embates que se dão entre nativos de grupos inimigos, e entre nativos e não nativos, ocasionando muitas mortes. O emprego de **mão**, por sinal, é muito relacionado a tais embates, sendo que a

referência ao item é fundamental para descrever a maioria das ações. Finalmente, a partir do emprego do substantivo **tempo**, o enunciador refere-se à marcação do momento específico.

Pelo emprego destes itens, o enunciador indica: conhecimento do assunto (**maneira, vez, parte**); generalização para determinados referentes (**coisa**); foco no principal referente (**aldeia, índio, terra**); alusão à prática dos embates entre os nativos (**inimigo, morte, mão**); marcação do tempo (**tempo**). Ao mesmo tempo em que passa a imagem de conhecedor do assunto, “projeta” a imagem do assunto.

Considerações finais

Esta etapa da pesquisa nos mostra que a mobilização de dados estatísticos junto aos estudos da linguagem funciona como uma importante ferramenta de compreensão de fatos da língua. Aponta, também, a importância em se descrever e analisar o léxico sem desconsiderá-lo de sua situação de enunciação.

A relação entre os estudos filológicos e discursivos, a ser desenvolvida de forma mais aprofundada em etapa posterior, nos mostra que a busca por conceitos da área discursiva, justamente por enriquecer a compreensão do objeto analisado, corrobora a importância da interdisciplinaridade e/ou multidisciplinaridade numa pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CONDE, Dirceu Cleber. Por que (não) utilizar ferramentas de informática e estatística em estudos semânticos e discursivos? Revista Eletrônica **Linguasagem**. 16. ed. São Carlos (SP), 2011. Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao16/artigo_conde.pdf
Acesso em: 13.mar.2013
- COSERIU, Eugenio. *Principios de Semántica Estructural*. Madrid: Editorial Gredos, 1977.
- DÍSCOLO, Apolonio. *Sintaxis*. Introducción, traducción e notas por Vicente Bécares Botas. Editorial Gredos, S.A., Madrid, 1987.
- GANDAVO, Pero de Magalhães de. *Historia da prouincia Sãcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil*. Lisboa: Officina de Antonio Gonsalvez, 1576. Disponível em: <http://purl.pt/121> Acesso em: 02.abr.2012

LAMALLE, Cédric *et alli*. *Léxico 3: Ferramentas de estatística textual. Manual resumido de utilização* (Tradução: Dirceu Cleber Conde). Universidade de la Sorbonne Nouvelle - Paris 3: Paris, 2001.

MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida (org.). *Por minha letra e sinal: documentos do ouro do século XVIII*. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2005.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma* introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 1997, p. 61-161.

TRACIO, Dionisio. *Ars Grammatica*. In: *Forma y Función* **16**. Departamento de Lingüística, Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, D.C., 2003, p. 222-264.